



Mercado Digital

Patricia Knebel

patricia.knebel@jornaldocomercio.com.br

Confira, diariamente, no blog Mercado Digital, conteúdos sobre tecnologia e inovação. Para acessar, aponte a câmera do seu celular para o QR Code.



Países dependerão mais de plataformas de IA até 2027



Foco em infraestrutura independente de Inteligência Artificial leva em consideração pressões geopolíticas

Pressões geopolíticas, regulatórias e de segurança estão levando governos a ampliar investimentos em infraestrutura independente de Inteligência Artificial. Ainda assim, até 2027, a previsão é que 35% dos países estarão presos a plataformas de IA específicas para a região, utilizando dados contextuais proprietários, segundo o Gartner, empresa de insights de tecnologia e negócios. A dependência de aumentará de 5% para 35% até 2027.

"Países com metas de soberania digital estão ampliando investimentos em stacks nacionais de IA à medida que buscam alternativas ao modelo fechado dos Estados Unidos, incluindo poder computacional, data centers, infraestrutura e modelos alinhados às leis locais, à cultura e à região", afirma Gaurav Gupta, vice-presidente Analista do Gartner.

Confiança e adequação cultural estão emergindo como critérios-chave. "Tomadores de decisão estão priorizando plataformas de IA que se alinhem a valores, estruturas regulatórias e expectativas dos usuários locais, em vez daquelas com os maiores conjuntos de dados de treinamento", analisa.

Segundo o Gartner, modelos localizados entregam maior valor contextual; Grandes Modelos de Linguagem (LLMs) regionais superam modelos globais em aplicações como educação, conformidade legal e serviços públicos, especialmente

Recomendações aos Chief Information Officers (CIOs)

- ▶ Projetem fluxos de trabalho agnósticos a modelos, utilizando camadas de orquestração que permitam alternar entre LLMs em diferentes regiões e fornecedores.
- ▶ Garantam que as práticas de governança de IA, residência de dados e ajuste de modelos atendam a requisitos legais, culturais e linguísticos específicos de cada país.
- ▶ Estabeleçam relacionamentos com provedores nacionais de nuvem, fornecedores regionais de LLMs e líderes de stacks soberanos de IA em mercados prioritários, criando uma lista validada de parceiros.
- ▶ Monitorem legislações de IA, regras de soberania de dados e padrões emergentes que possam afetar onde e como podem implementar modelos de IA e processar os dados dos usuários.

em idiomas que não o inglês.

Com clientes não ocidentais alterando seus alinhamentos devido a preocupações com a influência excessiva do Ocidente, a soberania de IA levará à redução da colaboração e à duplicação de esforços. Por esse motivo, o Gartner prevê que países que estabelecerem um stack soberano de IA precisarão gastar pelo menos 1% do seu PIB em infraestrutura de IA até 2029.

Soberania de IA refere-se à capacidade de uma nação ou organização de controlar de forma independente como a Inteligência Artificial é desenvolvida, implementada e utilizada em relação às suas fronteiras geográficas.

Pressões regulatórias, geopolítica, localização de Nuvem, missões nacionais de IA, riscos corporativos e preocupações com segurança

nacional estão levando governos e empresas a acelerar investimentos em IA soberana.

O receio de ficar para trás na corrida tecnológica da IA também impulsionará países e companhias a inovar rapidamente e investir, na tentativa de alcançar autossuficiência em todos os aspectos do stack de IA.

"Os data centers e infraestrutura das fábricas de IA formam a espinha dorsal crítica do stack de IA que viabiliza a soberania de IA", afirma Gupta.

Como resultado, data centers e infraestrutura das fábricas de IA verão uma expansão e um volume de investimentos explosivos, impulsionando algumas empresas que controlam o stack de IA a atingir avaliações de dois dígitos, em trilhões de dólares.

Barte fecha 2025 com R\$ 250 milhões de receita

A Barte, fintech que atua em infraestrutura de pagamentos, adquirência e corporate banking para médias e grandes empresas, encerrou seu quarto ano no mercado com receita acima de R\$ 250 milhões e volume transacionado (TPV) próximo de R\$ 10 bilhões, frente a R\$ 1,5 bilhão em 2024.

A empresa optou por não competir por preço na adquirência. A estratégia foi investir em infraestrutura própria, inteligência artificial e serviços financeiros integrados.

Atualmente, 15% da receita vem de serviços tecnológicos, incluindo aplicações de IA. O impacto indireto dessas soluções - retenção e fidelização - responde por cerca de 50% do faturamento. Com esse modelo, a companhia planeja investir R\$ 100 milhões em inteligência artificial até 2027.

"Nós nadamos contra a corrente: não entramos na disputa tradicional de adquirência por frações de taxas.

Entregamos uma camada de tecnologia e inteligência que justifica uma precificação superior, gerando impacto na linha final de lucro do cliente", comenta o presidente da Barte, Raphael Dyxklay. Segundo ele, para os CFOs e tesourarias que contratam a fintech, o custo maior é compensado pelo ganho de eficiência e pela proteção da margem final. "Esses investimentos refletem no nosso crescimento, apesar das dimensões que já temos", defende.

Um dos produtos da empresa é o módulo de recupera-

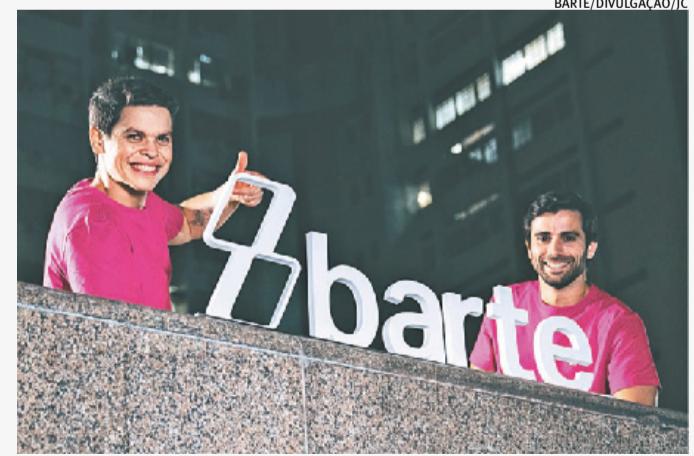
ção de vendas. Algoritmos identificam transações não concluídas e acionam consumidores por assistentes de voz, recuperando aproximadamente 30% das receitas perdidas.

Outro ponto foi a expansão da vertical de Corporate Banking. A Barte passou a atuar como infraestrutura bancária de seus clientes, entre eles Buser, Housi e Magazord.

Hoje, quase 100% dos novos contratos incluem pagamentos, gestão de caixa e crédito. A plataforma permite que recursos transitem rendendo 100% do CDI, mesmo por períodos curtos, além de oferecer crédito e ferramentas de conciliação, pagamento de contas e divisão de recebíveis. A antecipação de recebíveis deixou de ser automática e passou a considerar a necessidade de capital de giro de cada empresa.

Segundo a companhia, 90% dos clientes antecipavam a totalidade das vendas antes de migrar para o modelo atual. Em eficiência, a fintech dobrou o número de funcionários no último ano e opera com receita anual por colaborador na casa dos milhões de reais.

No planejamento, a corporação estuda o uso de stablecoins como parte da infraestrutura de pagamentos, à luz do novo marco regulatório do Banco Central para ativos virtuais, que entra em vigor em fevereiro. Para 2026, a empresa seguirá focada no Corporate Banking, atendendo companhias que buscam internalizar sua infraestrutura financeira.



Lacerda e Dyxklay são sócios e fundadores da fintech